

**APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO PELOS POVOS GUARANI: UM ESTUDO
INTERDISCIPLINAR DAS INTERAÇÕES SOCIOESPACIAIS E O PERSPECTIVISMO
AMERÍNDIO**

**APPROPRIATION OF TERRITORY BY THE GUARANI PEOPLE: AN
INTERDISCIPLINARY STUDY OF SOCIOSPATIAL INTERACTIONS AND AMERINDIAN
PERSPECTIVISM**

**APROPIACIÓN DEL TERRITORIO POR LOS PUEBLOS GUARANÍ: UN ESTUDIO
INTERDISCIPLINARIO DE LAS INTERACCIONES SOCIOESPACIALES Y EL
PERSPECTIVISMO AMERINDIO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-059>

Data de submissão: 04/06/2025

Data de publicação: 04/07/2025

Rafael Venturin Piacentini

Mestre em Engenharia de Energia na Agricultura. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: labhea.rafaelventurin@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3319932485215210>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6182-4439>

Thayse Ana Ferreira

Mestre em Administração. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: thayse2607@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7124996573359424>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8690-0082>

Hayla Cunha Messias

Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: hayla.hcm@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1407200436681477>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3623-3100>

Alvori Ahlert

Doutor em Teologia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: alvoriahlert@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6070773522751798>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9984-6409>

Mário Ramão Villalva Filho

Doutor em Desenvolvimento Regional Sustentável. Universidade Federal da Integração
Latino-Americana
E-mail: mario.villalva@unila.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3906286316115492>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4182-9168>

RESUMO

O objetivo do estudo é mapear e compreender como os guaranis do Oeste do Paraná se apropriam do território, *Tekoha Añetete* e *Tekoha Itamarã* em Diamante D' Oeste, considerando as interações socioespaciais e o perspectivismo ameríndio. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, qualitativa e descritiva. Foram utilizados métodos de pesquisa social - entrevistas e observação simples - com métodos de pesquisa das agrárias - aplicação de Sistema de Informação Geográfica (SIG). Os dados qualitativos foram tratados no Iramuteq, onde se realizou análise hierárquica descendente e análise de similitude, o que permitiu identificar os temas dentro dos dados qualitativos. Posteriormente, esses dados receberam análise do conteúdo de Bardin (2011). A análise georreferenciada foi aplicada de 5 em 5 anos a partir da implantação da aldeia nos anos de 1990 até 2023. A pesquisa revelou que os Guarani aplicam práticas sustentáveis, as quais promovem a recuperação ambiental e integram a espiritualidade, a cultura e a subsistência ao território. Contudo, pressões externas, como o arrendamento de terras, ameaçam seus modos de vida tradicionais e intensificam a erosão cultural. Os resultados destacaram a importância da demarcação para preservar tanto o ambiente quanto os valores indígenas. O estudo contribui como subsídio para pesquisas futuras e alerta quanto às pressões que as terras demarcadas sofrem, o que contribui para que a cultura indígena continue ameaçada.

Palavras-chave: Povos Tradicionais. Geoprocessamento. Pesquisa multidisciplinar. Demarcação de terras indígenas. Cultura indígena.

ABSTRACT

The objective of the study is to map and understand how the Guarani people of western Paraná appropriate their territory, *Tekoha Añetete* and *Tekoha Itamarã* in Diamante D'Oeste, considering socio-spatial interactions and Amerindian perspectivism. This is interdisciplinary, qualitative, and descriptive research. Social research methods—interviews and simple observation—were combined with agrarian research methods, such as Geographic Information System (GIS) applications. Qualitative data were processed using Iramuteq, employing hierarchical descending analysis and similarity analysis, which allowed the identification of themes within the qualitative data. Subsequently, these data were subjected to Bardin's (2011) content analysis. Geo-referenced analysis was applied every five years, starting from the settlement of the villages in the 1990s up to 2023. The research revealed that the Guarani employ sustainable practices that promote environmental recovery and integrate spirituality, culture, and subsistence into their relationship with the land. However, external pressures, such as land leasing, threaten their traditional ways of life and intensify cultural erosion. The results highlight the importance of land demarcation to preserve both the environment and indigenous values. The study serves as a basis for future research and raises awareness of the pressures faced by demarcated lands, contributing to the ongoing threat to indigenous culture.

Keywords: Traditional Peoples. Geoprocessing. Multidisciplinary Research. Indigenous Land Demarcation. Indigenous Culture.

RESUMEN

El objetivo del estudio es mapear y comprender cómo el pueblo guaraní del oeste de Paraná se apropia de su territorio, *Tekoha Añetete* y *Tekoha Itamarã*, en Diamante D'Oeste, considerando las interacciones socioespaciales y el perspectivismo amerindio. Se trata de una investigación interdisciplinaria, cualitativa y descriptiva. Se combinaron métodos de investigación social —entrevistas y observación simple— con métodos propios de la investigación agraria, como aplicaciones del Sistema de Información Geográfica (SIG). Los datos cualitativos se procesaron con Iramuteq, utilizando el análisis jerárquico descendente y el análisis de similitud, lo que permitió identificar temas dentro de los datos cualitativos. Posteriormente, estos datos fueron sometidos al análisis de contenido

de Bardin (2011). Se aplicó un análisis georreferenciado cada cinco años, desde el asentamiento de las aldeas en la década de 1990 hasta 2023. La investigación reveló que los guaraníes emplean prácticas sostenibles que promueven la recuperación ambiental e integran la espiritualidad, la cultura y la subsistencia en su relación con la tierra. Sin embargo, presiones externas, como el arrendamiento de tierras, amenazan sus formas tradicionales de vida e intensifican la erosión cultural. Los resultados destacan la importancia de la demarcación territorial para preservar tanto el medio ambiente como los valores indígenas. El estudio sirve como base para futuras investigaciones y llama la atención sobre las presiones que enfrentan las tierras demarcadas, contribuyendo a la amenaza constante a la cultura indígena.

Palabras clave: Pueblos tradicionales. Geoprocесamiento. Investigación multidisciplinaria. Demarcación de tierras indígenas. Cultura indígena.

1 INTRODUÇÃO

Os povos ameríndios enfrentam conflitos por território desde a chegada dos europeus (Brighenti e Oliveira, 2021; Oliveira, 2022), fato que se verifica até a atualidade (Oliveira *et al.*, 2016; Sousa, 2022). No caso do território Guarani, desde tempos pré-coloniais, este se compõe de uma rede contínua que passa por toda a atual região sul do Brasil e se estende pelo Paraguai, Argentina, Bolívia e Uruguai (Andrade, 2014).

Por um longo período, os povos indígenas sofrem com a invisibilidade e a negação de um dos direitos mais fundamentais: o direito ao território (Bijos e Melo, 2016), pois protegê-lo “representa a preservação de ritos, costumes, tradições e memórias ancestrais” (Kokke; Miranda; Oliveira, 2022, p. 11). No entanto, nos últimos anos, vem se consolidando o direito ao território (Bijos; Melo, 2016) com a luta ativa de indígenas e de outros atores sociais (Oliveira *et al.*, 2016).

Fatores externos como a criação do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), em 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1035 (Pinna, 2020), a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu na década de 1970, a qual inundou grande parte do território dos Guaranis que viviam nas margens do Rio Paraná (Conradi, 2007) e a transferência para uma área pequena chamada Ocoy (Soavinski, 2021), levaram os Guaranis a reivindicarem novos territórios (Brighenti; Oliveira, 2021). Neste contexto, a Itaipu começou a negociar uma nova área e em 1996 foi homologada a criação da aldeia indígena *Tekohá Añetete*, com 1.774 hectares e população inicial de 308 pessoas (Sousa, 2022).

Apesar dos guaranis do Oeste do Paraná terem contato com pessoas não indígenas desde a década de 1960 (Schallenberger; Santos, 2014), as comunidades guaranis preservam seus costumes, suas crenças e os conhecimentos tradicionais (Vitoriano-Gonçalves, 2024). A questão do território é um tema que continua em voga, com a permanência de conflitos em áreas próximas, principalmente em Guairá (Oliveira *et al.*, 2016).

Dias (2020) explica que é no território que se desenvolvem os aspectos políticos, culturais e econômicos de uma nação e é por meio deles que o território é preservado. O autor (p. 2) complementa que “é na escala territorial que podem ser identificados os atores e processos que o modificam”. Segundo Oliveira (2020), o modo de viver dos povos indígenas é indissociável do manejo de paisagens e do convívio intenso com os recursos naturais de seus territórios.

Como se nota, esse modo especial de se relacionar com a terra ou território traduzem o como se apropriam e usam esses espaços para a manutenção dos seus costumes, tradições consoantes aos valores espirituais e a preservação do meio ambiente. Para compreender essas temáticas, é preciso considerar o perspectivismo ameríndio ao se analisar o que significa território para os povos indígenas,

visto que há um caráter simbólico e espiritual (Viveiros de Castro, 2002), que não tem relação com a lógica capitalista de posse da Terra, para assim, examinar as questões socioespaciais.

A partir disso, o autor introduz o conceito de "cosmologia ameríndia", que é um modo de interpretar a cosmologia a partir da visão dos povos indígenas da Amazônia, estes compreendem que todos os seres, sejam eles animais, pessoas ou mesmo uma pedra, tem uma forma própria de ver o mundo. Para o autor (2002), interpretar esta cosmologia em sua essência não é possível para a antropologia, pois o pesquisador não é capaz de ignorar seu próprio conhecimento para entender tal cosmologia sem a influência da visão ocidentalizada.

Viveiros de Castro (2018, p. 251), apresenta então a possibilidade da “equivocação controlada”, como um “modo de comunicação por excelência entre posições perspectivas diferentes”. Em outras palavras, é o entendimento de que não há uma forma de equivalência entre estas diferentes cosmologias e, portanto, não deve haver uma comparação ou uma busca por categorizar a perspectiva ameríndia de acordo com categorias ocidentais.

Ao estudar a *Tekoha Añetete*, Kühl interpretou a essência do significado de *tekoha*, “*teko vem a significar costume, viver, o modo de ser, acrescentando-se o sufixo há, tem-se o termo que indica o lugar onde se executa a ação*” (2013, p. 38). Conforme a autora, o território é compreendido como o lugar vivido, o espaço no qual os Guaranis “*são o que são, onde se movem e onde existem*” (2013, p. 37), por isso, o território tem um significado muito importante para eles. A pesquisadora ainda destaca que os Guaranis se diferem de outras etnias, quanto à organização de suas aldeias, distribuem-se de forma diversa no espaço, de modo a formar um tipo de teia.

Portanto, esses fatores demonstram a forma de compreender o território na visão Guarani, em conjunto com todos os aspectos culturais, espirituais, ambientais e sociais, considerando o perspectivismo ameríndio, os quais contribuirão para tecer os resultados e discussões em consonância a metodologia a seguir.

Tanto que, tal temática é tratada no âmbito internacional, pelo instrumento jurídico de proteção dos direitos territoriais indígenas, a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1989, do qual o Brasil é signatário, e atualmente, debatida na esfera dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Isso porque, os 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) acordados entre 169 países assinantes da Agenda 2030 não abordavam diretamente as comunidades indígenas, sendo que apenas quatro metas citam os povos indígenas (Campbell, 2024). Em 2020, a Universidade de Brasília fez uma parceria com a Universidade Estadual Paulista para publicação do livro “Guia Agenda 2030: integrando ODS, educação e sociedade”, onde se propôs três novos ODS para o Brasil: ODS 18: Igualdade

Racial; ODS 19: Arte, Cultura e Comunicação; e ODS 20: Povos Originários e Comunidades Tradicionais (Cabral; Gehre, 2020). Em 2023, durante a 78^a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), o atual presidente anunciou estas três novas ODS adotadas pelo Brasil (Agência Gov, 2023).

O ODS 20 tem como objetivo “garantir os direitos e promover a cultura dos povos originários e comunidades tradicionais” (Cabral; Gehre, 2020, p. 18). Neste cenário, buscou-se adotar o perspectivismo ameríndio como ponto de partida para análise da região Oeste do Paraná, em particular das aldeias indígenas *Tekoha Añetete* e *Tekoha Añetete*. Assim, a pergunta que norteia este estudo é: Como os povos indígenas no Oeste do Paraná se apropriam de seus territórios, considerando as interações socioespaciais e o perspectivismo ameríndio?

O objetivo que responde à pergunta e norteia a pesquisa é: Mapear e compreender como os guaranis do Oeste do Paraná se apropriam do território, *Tekoha Añetete* e *Tekoha Itamarã* em Diamante D’ Oeste, considerando as interações socioespaciais e o perspectivismo ameríndio. Para atender ao objetivo, O estudo adotou uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, com caráter descritivo, para compreender as formas de apropriação territorial pelos Guarani nessas aldeias, localizadas em Diamante D’Oeste, Paraná. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com lideranças indígenas, nas quais foram abordados aspectos culturais, espirituais, ambientais e sociais relacionados ao território. Também foi empregada a observação simples e não-participativa, permitindo o registro das dinâmicas cotidianas sem interferir nos comportamentos.

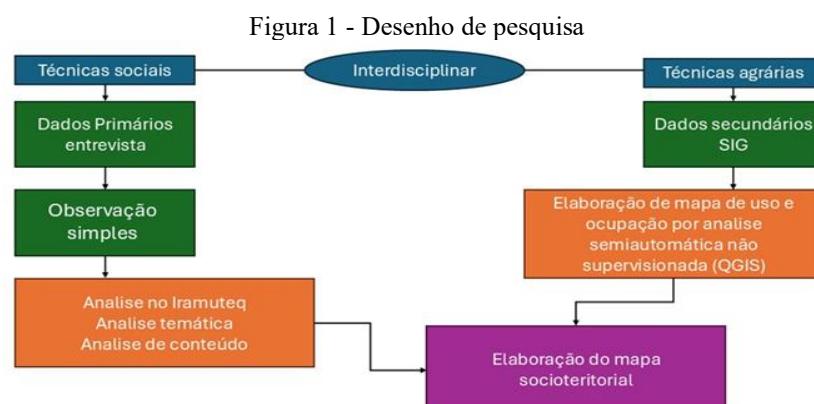
Os dados qualitativos foram processados e analisados com o software IRAMUTEQ, por meio de técnicas como análise hierárquica descendente e análise de similitude para identificar padrões temáticos e semânticos. Paralelamente, imagens de satélite das últimas décadas foram analisadas com o software QGIS, utilizando índices como o NDVI, com o objetivo de mapear as mudanças no uso e na cobertura do solo ao longo do tempo. Os resultados obtidos foram triangulados, integrando os dados qualitativos, o mapeamento georreferenciado e a análise documental, possibilitando uma compreensão abrangente das interações socioespaciais e das dinâmicas culturais e ambientais das comunidades estudadas

O estudo auxilia na compreensão de como os indígenas da região se apropriam de seus territórios, mas sua maior relevância está em evidenciar que os pesquisadores não indígenas frequentemente apresentam um viés ao coletar dados primários. Isso demonstra que o trabalho pode servir como base teórica para outras pesquisas relacionadas ao tema ou aos povos indígenas. Além disso, oferece uma contribuição prática ao alertar sobre as pressões territoriais externas às aldeias, que culminaram no

arrendamento de terras indígenas pelos *juruá*¹. Essa prática, por sua vez, acelera o processo de "erosão cultural" dos guaranis.

2 METODOLOGIA

O estudo apresenta características de pesquisa qualitativa. Possuindo foco na compreensão dos fenômenos sociais e culturais, valorizando o contexto em que ocorrem e a perspectiva dos participantes. Esse tipo de pesquisa se diferencia pela ênfase na subjetividade, permitindo uma análise mais detalhada dos significados e processos sociais a partir de métodos como entrevistas, questionários, observações e análises de conteúdo (Gil, 2008). Ressalta-se ainda que a pesquisa é de caráter interdisciplinar (Philip; Souza Neto, 2011), conforme demonstra a Figura 01.



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

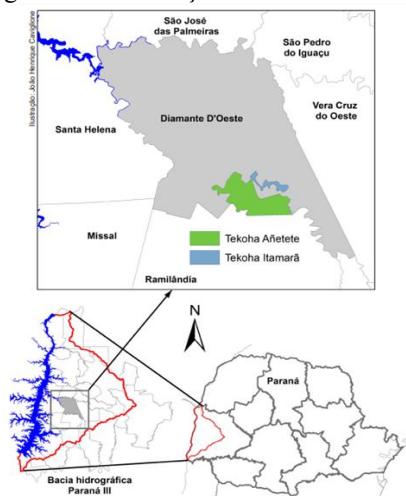
Ainda pela perspectiva de Gil (2008), o estudo se caracteriza como pesquisa descritiva, por buscar descrever a forma como os indígenas se apropriam do seu território sem buscar explicar os porquês de isso ocorrer desta forma. A pesquisa descritiva permite a formulação de perguntas de pesquisa mais precisas e a delimitação de objetivos específicos, utilizando métodos como revisão bibliográfica, entrevistas abertas, grupos focais e estudos de caso para coletar dados de maneira abrangente e flexível.

Em meados da década de 1990 famílias Guarani ocupavam terras da Itaipu Binacional em Foz do Iguaçu. Após, com essa ocupação do Refúgio Biológico Bela Vista foi que a organização se abriu ao diálogo. Após dois anos de negociações, a Itaipu adquiriu 1700 hectares, situada na confluência dos Rios São Francisco Falso e São Domingos, Linha Ponte Nova na cidade de Diamante d'Oeste onde as

¹ Os Guarani, que vivem nos estados do Sul e do Sudeste brasileiros, usam comumente o termo *juruá*, que quer dizer “boca com cabelo”. Esse nome é uma referência às barbas e bigodes dos conquistadores europeus, mas hoje é usado para se referir a todos os não indígenas. FONTE: Povos Indígenas no Brasil Mirim - <https://mirim.org/>

famílias Guaranis se estabeleceram e chamaram essa porção de terras de *Tekoha Añetete* (Ribeiro dos Santos, 2016; Kühl, 2013).

Figura 2 - Localização da Tekohá Añetete



Fonte: Curcio *et al.* (2021)

Vivem cerca de 78 famílias e sua população aproximada é de 300 pessoas (Kühl, 2013). As habitações se distribuem próximas às três casas de reza existentes na comunidade. O idioma predominante é o Guarani – embora os habitantes falem o português – contudo, é necessário considerar que o idioma se subdivide em vários grupos, entre eles Mbýa, Kaiowa, Chiripá, entre outros. No caso da *Tekoha Añetete* entende-se que o subgrupo linguístico seja Chiripás.

A região apresenta uma relevância irregular, com áreas de mata nativa que originalmente cobriam cerca de 60% do território da aldeia, deixando apenas 40% da área disponível para a agricultura. Kühl (2013) afirma que a extensão da aldeia é favorável, pois permite que cada família tenha sua própria roça para subsistência, algo raro em aldeias menores, onde a falta de espaço dificulta a prática agrícola. A mata preservada também possibilita a caça, ainda que a fauna local tenha sido reduzida. Segundo Kühl (2013), em *Tekoha Añetete*, cada família dispõe de um espaço para plantio, onde se cultivam alimentos como milho, mandioca, batatas e abóboras, essenciais para a comunidade. A produção é compartilhada entre as famílias, ajudando aqueles que, por diferentes razões, não produzem o próprio sustento, ou que se alinham ao princípio econômico de reciprocidade Guarani, conforme definido por Almeida (2001).

Para realizar esse estudo, será realizada coleta de dados primária com as lideranças indígenas das aldeias *Tekoha Añetete* e *Tekohá Itamarã*. Sendo assim, comprehende-se como população todos as indígenas que vivem nessas aldeias, contudo, observa-se que a amostra se caracteriza como amostra por

conveniência, onde os critérios adotados foram a relevância do entrevistado para sua comunidade e o seu conhecimento do espaço territorial das aldeias (Malhotra, 2014).

Aplicou-se entrevistas semiestruturadas no dia 29 de novembro de 2024 com 3 lideranças indígenas – uma liderança espiritual, uma política e uma educacional – nas dependências do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e. Essa entrevista se divide em 5 temas, ou construtos: 1) relação com o território; 2) uso do território; 3) percepção de mudanças ambientais; 4) significado cultural e espiritual do território; 5) futuro do território. O construto 1 foi respondido por todos os entrevistados, já os construtos 2 e 3 foram respondidos pela liderança das aldeias. O construto 4 foi respondido por uma liderança espiritual e por fim o construto 5 foi respondido por um educador. Ressalta-se que todas as entrevistas ocorreram integralmente em língua portuguesa.

Os dados coletados por essas entrevistas serão gravados nas próprias aldeias em áudio e, posteriormente, transcritos para um arquivo em *txt* – corpus textual. Esse corpus será analisado primeiramente pelo software *Iramuteq 0.7 Alpha 2 (Interface de R para analyses Multidimensionnelles de textes et de questionnaires)*, onde se realizará os testes de análise hierárquica descendente e a análise de similitude.

A classificação hierárquica descendente resultou em um gráfico de dendrograma. Esta análise inicial classificou o corpus em grupos de palavras de acordo com suas semelhanças semânticas, resultando em uma relação hierárquica das palavras contidas nas entrevistas analisadas que foram separados em classes, as quais foram analisadas manualmente e comprovadas por esse processo. As classes geradas pelo software se formam pelas relações entre as palavras dessas entrevistas, o que fornece um resultado estatístico para compreensão do corpus que juntamente a análise manual do conteúdo permitiu uma revisão mais aprofundada (Marchand; Ratinaud, 2012; Reinert, 1990).

A análise de similitude das palavras permite a construção de um gráfico de rede de palavras que demonstra a relação entre os núcleos de palavras contidos no texto. Nesse gráfico as palavras com maior força são apresentadas em maior tamanho da fonte e as relações demonstradas por linhas que conectam as palavras formando a rede (Reinert, 1990). Diferente da análise anterior, a similitude auxilia na compreensão do corpus verificando a quantidade de repetições – ou frequência – das palavras e as relações estabelecidas entre si.

A intenção do uso dessa ferramenta será realizar a análise qualitativa temática, é uma técnica utilizada para *"identificar, analisar e relatar padrões (ou 'temas') dentro dos dados"* qualitativos (Braun; Clarke, 2006, p. 79). Ela é amplamente usada em pesquisa qualitativa para organizar e interpretar dados coletados por meio de entrevistas, grupos focais, observações, ou documentos, buscando identificar significados e padrões recorrentes. Os temas serão definidos pelos *clusters* identificados pelo software.

Na sequência se realizará a análise do conteúdo textual para compreender o corpus pesquisado (Bardin, 2011).

A segunda frente de coleta de dados foi por observação simples. Nesse método simples, não-participativa, o observador adota uma postura de neutralidade e mantém certa distância, sem interagir ou influenciar diretamente as pessoas ou os eventos observados (Goffman, 2017). Esta abordagem é particularmente útil quando você quer captar comportamentos naturais em ambientes específicos, sem alterar o contexto (Yin, 2018). Com base em Goffman (2017) e Yin (2018) se elencou os passos para conduzir a coleta de dados por observação simples, não-participativa:

- 1) Definição do objetivo da observação: Identificar o que deseja observar e o que espera descobrir. Ter um objetivo para guiar a coleta de dados e a focar em aspectos específicos do ambiente ou comportamento.
- 2) Escolher o local e o tempo de observação: Determinar onde e quando a observação será realizada, considerando horários ou períodos em que a atividade ou comportamento de interesse costuma ocorrer.
- 3) Desenvolver uma estrutura para registrar os dados: criação de uma ficha de observação com itens ou categorias a serem observadas.
- 4) Preparar-se para registrar sem interferir: Escolher uma posição que permita boa visibilidade, mas que não chame a atenção das pessoas observadas. Se possível, fazer anotações discretas para não alterar o comportamento natural dos envolvidos.
- 5) Observação e registro dos dados de maneira objetiva: Descrever apenas o que se vê, sem interpretações ou julgamentos. Anotar os eventos e comportamentos conforme ocorrem, registrando detalhes que podem enriquecer a análise posterior.
- 6) Rever e organizar os dados coletados: Após a observação, organizar as notas e comparar com o objetivo da pesquisa. A análise desses dados é mais descritiva, pois você estará apenas registrando o que foi observado.

Esse método pode ser eficaz em estudos de comportamento humano, sociais ou ecológicos, onde a presença do observador precisa ser minimizada para não influenciar os resultados. Por fim, para consolidar a triangulação de dados se utilizará de análise geoespacial. Serão coletadas imagens de satélite das missões *Sentinel* referentes às décadas de 2000, 2010 e 2020. Essas imagens serão tratadas no software *QGIS* para elaborar mapas de uso e cobertura do solo. Esses mapas serão feitos por meio de análise semiautomática não supervisionada pelo algoritmo *K-means*.

Para isso, será realizada a correção do NDVI (*Normalized Difference Vegetation Index*), um índice útil para a classificação da cobertura do solo. Utilizando a calculadora raster (*Raster Calculator*) para calcular esses índices, equação 1:

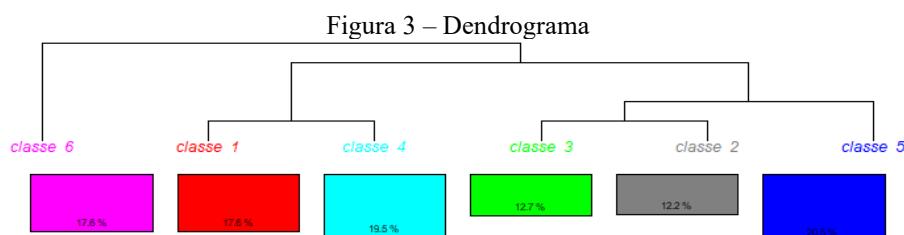
$$\text{NDVI} = (\text{NIR} - \text{Red}) / (\text{NIR} + \text{Red}) \quad (\text{Eq. 1})$$

Após esses procedimentos se realizará uma filtragem para suavizar o mapa resultante e eliminar ruídos. Os dados apresentados pelos mapas gerados são validados pelos resultados usando os dados de campo coletados nas etapas qualitativas da pesquisa. Por meio da interpretação desses dados e mapas se descreve como as comunidades das *Tekoha Añetete* e *Tekohá Itamã* se apropriam de seus territórios, considerando as interações socioespaciais, geoespaciais e o perspectivismo ameríndio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ANÁLISE TEMÁTICA

Iniciou-se as análises pelo *Iramuteq*, que gerou uma análise temática por meio do software e gerou-se o dendrograma (Figura 3), no qual se identificou seis clusters - ou temas.



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

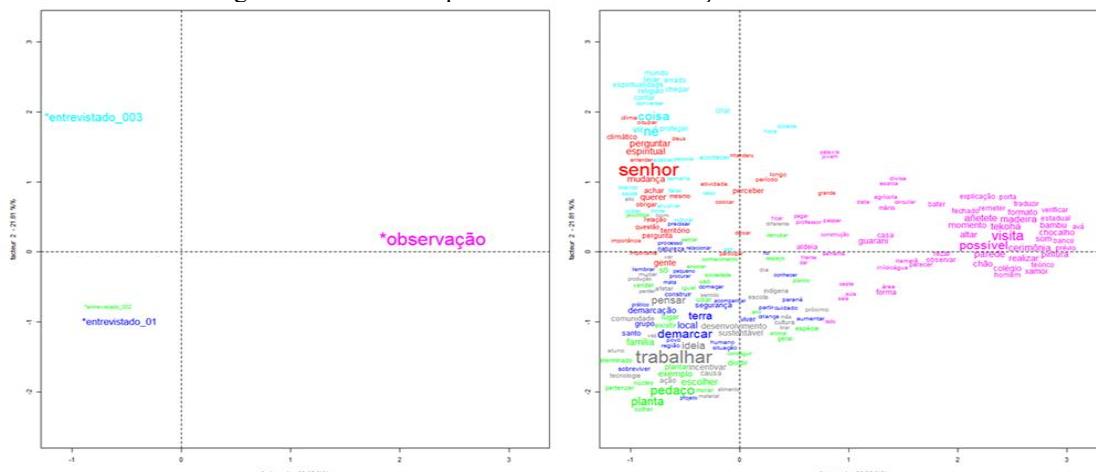
O dendrograma apresentado agrupa palavras em seis classes baseadas em similaridade semântica ou em frequência de coocorrência, cada uma com uma porcentagem de representatividade. Analisando as palavras de cada cluster, pode-se sugerir nomes que sintetizam os temas ou conceitos gerais associados a cada grupo.

A Classe 6 (Rosa), denominada Cerimônias e práticas culturais apresenta palavras como "visita", "tekoha", "madeira", "altar", "chocalho" indicam elementos culturais e rituais, associados ao contexto guarani e práticas espirituais. Essa classe se liga com todas as demais. Já a Classe 1 (Vermelha), Espiritualidade e território, apresenta termos como "senhor", "espiritual", "mudança", "pergunta" e "território" sugerem temas relacionados à espiritualidade e questões territoriais, possivelmente com ênfase em valores religiosos ou culturais. Na Classe 4 (Ciano), Espiritualidade e cotidiano as palavras como,

"religião", "mundo", "contar", "proteger" e "criar" indicam diálogos cotidianos relacionados a espiritualidade e proteção do território. Ressalta-se que as classes 1 e 4 têm relação direta.

Enquanto na Classe 3 (Verde), Natureza e agricultura, termos como "pedaço", "planta", "família", "plantar", "espécie" e "colher" estão conectados ao trabalho com a terra, indicando relações agrícolas e familiares. Essa classe se relaciona com as classes 2 e 5. A Classe 2 (Cinza), Sustentabilidade e desenvolvimento a presença de termos como "trabalhar", "sustentável", "incentivar", "ação" e "tecnologia" sugerem um foco em ações comunitárias e desenvolvimento sustentável. Já na Classe 5 (Azul), Território e demarcação com as palavras como "terra", "demarcação", "grupo", "segurança" e "processo" indicam discussões sobre território, direitos e demarcação de terras e essa classe se relaciona diretamente com a classe 2. Com isso, analisou-se as frequências das palavras e sua dispersão, Figura 4.

Figura 4 – Cluster no plano fatorial e distribuição em dois fatores



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

O gráfico de cluster no plano fatorial mostra a distribuição em dois fatores principais: "Fator 1" (30,95% da variância explicada) e "Fator 2" (27,81% da variância explicada). Esses fatores representam as dimensões principais que diferenciam semanticamente as palavras. Cada cluster ocupa uma posição distinta no espaço fatorial, indicando diferenças significativas em suas associações semânticas.

O Cluster 6 (Rosa) está posicionado no quadrante inferior direito, isolado dos demais, indicando que suas palavras possuem características únicas que não compartilham proximidade semântica relevante com os outros clusters. Palavras como "visita", "tekoha", "cerimônia", "madeira", "altar" sugerem uma forte conexão com práticas culturais e ceremoniais específicas, especialmente, relacionadas aos elementos da cultura guarani.

Entretanto, os Clusters 1 (Vermelho) e 4 (Ciano) estão mais próximos no quadrante superior esquerdo, indicando uma relação semântica moderada. O Cluster 1 parece estar associado à espiritualidade ("senhor", "espiritual", "mudança"), enquanto o Cluster 4 explora um diálogo cotidiano relacionado à espiritualidade e proteção ("coisa", "religião").

Por outro lado, o Cluster 3 (Verde) está posicionado no quadrante inferior esquerdo, este cluster foca em temas relacionados à natureza e trabalho agrícola, como "planta", "pedaço", "família". Estando semanticamente mais distante do Cluster 6 e mais próximo do Cluster 2. Enquanto o Cluster 2 (Cinza) se relaciona com sustentabilidade e desenvolvimento, com palavras como "trabalhar", "sustentável", "comunidade". Está posicionado no quadrante inferior central, conectando temas práticos de ação e desenvolvimento com aspectos de territorialidade e práticas agrícolas. Por fim, o Cluster 5 (Azul), no quadrante inferior esquerdo, enfatiza questões de "demarcação", "terra", "local", "segurança". Ele representa discussões sobre território e direitos.

Já o Cluster 6, apresenta-se em isolamento. É notavelmente distinto por sua posição extrema no gráfico. Esse isolamento reflete sua especificidade semântica, indicando um foco único em práticas culturais, rituais e simbologias específicas, que têm pouco ou nenhum vínculo direto com os temas abordados nos outros clusters (como sustentabilidade, desenvolvimento e espiritualidade cotidiana). Essa distinção pode representar uma visão cultural e identitária separada, possivelmente, relacionada a comunidades específicas, e possivelmente reflete a perspectiva dos pesquisadores visto que representa o conteúdo do relatório de observação.

Tal aspecto corrobora com a visão Viveiros de Castro (2018) em relação à equivocação controlada, evidenciando que na comunicação entre pesquisadores e pesquisados, o pesquisador não é capaz de ignorar seu conhecimento prévio ao relatar uma cosmologia diversa da sua. Por isso, Castro (2002), aponta que não é possível para a antropologia interpretar a cosmologia ameríndia em sua essência.

Ao se analisar os fatores, observa-se que o Fator 1 parece estar relacionado à diferença entre questões pragmáticas e materiais (ex.: terra, trabalhar, plantar) e questões culturais ou simbólicas (ex.: visita, cerimônia, altar). Enquanto o Fator 2 pode representar uma transição entre temas cotidianos e espirituais (ex.: espiritualidade, religião) e temas de desenvolvimento, território e sustentabilidade.

3.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO

Conforme é possível visualizar no dendrograma da Figura 3, o território e a espiritualidade são centrais na fala dos entrevistados. Esses termos, associam-se as questões de agricultura, trabalho,

sustentabilidade e cotidiano. O constructo 6 referente a cerimônias e práticas culturais, liga-se com todos os outros, evidenciando como a cultura e a crença envolvem todas as áreas da vida dos guaranis.

Quando abordados sobre os lugares importantes do território, os entrevistados explicaram que todas as partes do território têm sua importância, a exemplo da fala do Entrevistado 1: “*não tem lugar mais importante na comunidade ou na sociedade todos os lugares locais são importantes*”, do Entrevistado 2 “*uma aldeia pertence de branco toda a comunidade*” e do Entrevistado 3: “*para nós indígenas toda parte é sagrada*”. No entanto, o Entrevistado 1 falou que se precisasse escolher um lugar, diria que a Opy (casa de reza) é o lugar mais importante.

Como se observa, essas falas traduzem características do território como simbólico e espiritual (Viveiros de Castro, 2002), demonstrando a sua relação com o espaço apropriado, bem como, a essência dos guaranis, visto que “*são o que são, onde se movem e onde existem*” (Kühl, 2013, p. 37).

Outro aspecto apontado, é que não há delimitação de espaço entre as famílias, conforme explicou o Entrevistado 2 “*às vezes você vai procurar minha casa onde eu moro e já não moro mais lá, fiz troca de lugar*”. Outra fala deste entrevistado também ressalta esta fluidez dentro do território, pois ao abordar a agricultura, ele explicou que “*cada um ele tem o seu pedacinho ele escolhe o lugar não é assim que nem o branco*”. Com relação às casas, por meio das observações, percebe-se que a maioria são construídas de madeira, alguns tem banheiro feito de alvenaria de blocos cerâmicos e poucas casas são inteiramente em blocos cerâmicos. Em comum, verificou-se que as casas são pequenas e não tem cerca para delimitar o pátio de cada uma. Essa distribuição espacial e métodos construtivos diferem muito dos indígenas amazônicos, Figura 5.

Figura 5 – Aldeia Cuicuro, no Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso

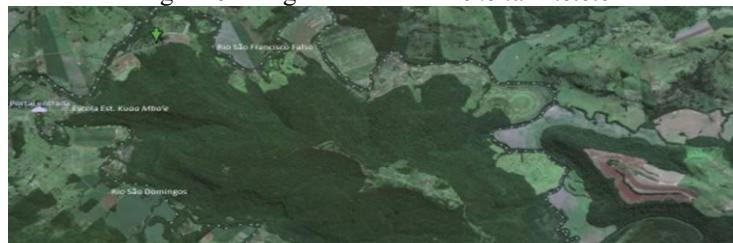


Fonte: Weimer (2024).

Nota-se que a distribuição espacial é muito diferente da *Tekohá Añetete*, Figura 6. Enquanto os ameríndios amazônicos se concentram espacialmente, os Avá Guarani se dispersam pelo seu território, sem possuir um núcleo estruturante, mesmo que as casas de reza sejam pontos de encontro e disseminação da cultura. Isso levanta o questionamento da aplicação dos conceitos de Viveiros de

Castro (2002, 2004, 2018) às análises dos Avá Guarani, uma vez que o autor baseia sua teoria apenas em seus estudos com indígenas amazônicos.

Figura 6: Imagem de satélite *Tekohá Añetete*



Fonte: Kühl (2013).

A delimitação da terra foi uma ação imposta pelos não indígenas, segundo apontou o Entrevistado 3, para ele o território não tem uma delimitação, pois “*Nhanderu que domina tudo, ele que criou tudo*”. Mesmo tendo esta visão, o entrevistado explica que comprehende que atualmente a demarcação tem uma importância significativa na vida deles: “*com terras demarcadas já temos possibilidade de construir uma escola, um posto de saúde, saneamento básico*”. O Entrevistado 1 chamou a atenção para o fato de que em terras não demarcadas, as crianças estudam em escolas não indígenas, o que as afastam da cultura Guarani e causa situações de violência pela discriminação que sofrem.

O relato apresentado dialoga profundamente com o conceito de *perspectivismo ameríndio* desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro, que sugere que diferentes seres, como humanos, animais e espíritos, compartilham uma essência espiritual comum, porém suas formas de perceber e interagir com o mundo são determinadas por suas perspectivas específicas, enraizadas em suas corporalidades. Nesse sentido, a visão do Entrevistado 3, ao afirmar que o território não tem delimitação porque “*Nhanderu que domina tudo, ele que criou tudo*”, exemplifica uma cosmologia em que a terra transcende o significado material, sendo entendida como parte de uma relação espiritual e animada, na qual todas as coisas estão interconectadas. Tal perspectiva contrasta diretamente com a perspectiva ocidental imposta pelos não indígenas, que compreendem o território como uma propriedade física, fixa e delimitada. Como aponta Viveiros de Castro, essa discrepância reflete o que ele chama de “equivocação controlada”, que ocorre quando cosmologias diferentes atribuem sentidos diversos a um mesmo conceito, como “território” (Viveiros de Castro, 2004).

Na cosmologia Guarani, o território é parte de uma teia *multinaturalista*, em que a natureza não é apenas um pano de fundo físico, mas um ente dotado de agência e espiritualidade. Para os Guarani, como descrito pelo Entrevistado 3, a terra está sob domínio de *Nhanderu* e não necessita de delimitação para existir como parte da vida coletiva e espiritual. Essa visão é distinta do naturalismo ocidental, que

separa natureza e cultura, e que é expresso por meio de práticas como a demarcação territorial. A adaptação dos Guarani à necessidade de demarcação, entendida como uma estratégia para garantir direitos básicos como educação, saúde e saneamento, não implica a substituição de sua cosmologia, porém a incorporação pragmática de elementos externos para a sobrevivência em um contexto dominado por outras perspectivas (Viveiros de Castro, 2018).

A fala do Entrevistado 1 sobre as crianças estudarem em escolas não indígenas e se afastarem da cultura Guarani destaca as consequências da imposição de uma perspectiva única sobre um grupo que opera a partir de outra cosmologia. Esse processo reflete a violência epistêmica, que, segundo Viveiros de Castro, ocorre quando uma cosmologia é imposta como universal, negando a legitimidade das demais. As crianças Guarani, ao frequentarem escolas não indígenas, não apenas perdem o contato com sua cultura, mas também enfrentam situações de discriminação e violência, explicitando o impacto da desvalorização de sua perspectiva cosmológica. Essa dinâmica reforça a imposição do naturalismo sobre o *multinaturalismo* indígena, marginalizando a visão Guarani do mundo.

Portanto, o relato ilustra como os Guarani negociam sua relação com cosmologias externas enquanto resistem à imposição de uma visão naturalista de território. A demarcação, nesse contexto, adquire um significado utilitário e não substitui a visão cosmológica Guarani, porém, torna-se uma ferramenta contingente de sobrevivência. Como destaca Viveiros de Castro (2018), é por meio da equivocação controlada que diferentes cosmologias podem coexistir sem que uma anule a outra, permitindo que os Guarani integrem elementos do mundo não indígena sem perder sua essência espiritual e relacional.

Ao perguntar sobre a luta por terra e como foi o processo de criação das aldeias de Diamante D’Oeste, os três entrevistados contaram suas experiências na luta por território. O Entrevistado 1 explicou que participou ativamente da retomada de alguns territórios e que em alguns houve sucesso, conseguindo a demarcação, enquanto em outros, não deu certo e eles tiveram que sair do local. Este entrevistado contou que morou no Ocoy e foi lá, que, a partir de 1995, começou a acompanhar e fazer parte de um grupo de indígenas engajados com a luta pela terra.

O Entrevistado 2 contou que onde ele nasceu, hoje está tudo alagado pela Itaipu. Ele explicou que a Itaipu disponibilizou um pedaço bem pequeno e que não era o suficiente para as famílias, por isso, conforme ele afirma, “*a gente lutou bastante pra conseguir um pedaço maior*”. O Entrevistado 1 trouxe à tona outro ponto importante acerca da dispersão deles pelo Paraná neste período, que é o fato deles terem ido para outras regiões, mas sempre em grupos. Ele comentou que alguns grupos foram para a região central do estado, área conhecida hoje como Rio das Cobras e que dos que ficaram, parte veio para Diamante do Oeste, que é uma das primeiras terras demarcadas no Oeste do Paraná. “*Foi*

uma das primeiras aqui no Oeste que foi demarcada, logo depois foi ampliada e também demarcada a terra indígena Itamarã, que fica ao lado aqui”.

Ressalta-se que os Guarani da *Tekohá Añetete* foram deslocados para o município de Diamante d’Oeste devido a uma série de fatores históricos e territoriais que transformaram profundamente a organização espacial e cultural desse grupo. Originalmente ocupando áreas da bacia do Prata, abrangendo a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, os Guarani enfrentaram fragmentações territoriais impostas pela formação dos estados nacionais.

Esse processo os submeteu a novas soberanias, obrigando-os a reconstruir simbolicamente seu espaço de vivência. Essa dinâmica foi agravada na década de 1980 pela formação do reservatório de Itaipu, que inundou completamente o *Tekohá Guassu Jacutinga*, uma porção significativa de seu território tradicional. Em resposta, a Itaipu Binacional cedeu uma área em São Miguel do Iguaçu, chamada *Tekohá Oco’ÿ*, contudo sua insuficiência em relação às necessidades do grupo gerou tensões e conflitos internos (Kühl, 2013).

A busca por novos territórios levou ao surgimento de duas novas aldeias em Diamante d’Oeste: *Tekohá Añetete*, estabelecida em 1997, e *Tekohá Itamarã*, em 2002. Esse processo de deslocamento não foi apenas geográfico, porém também simbólico, uma vez que o território é fundamental para o reconhecimento cultural e identitário dos Guarani. Tendo em vista que o território cedido pela Itaipu foi inadequado para manter o equilíbrio entre as necessidades materiais e as práticas culturais do grupo, este fator motivou o deslocamento e as reivindicações por áreas que pudessem atender melhor às suas demandas sociais e simbólicas. A formação dessas aldeias reflete tanto a resiliência dos Guarani em preservar sua cultura quanto a adaptação estratégica diante de pressões externas e mudanças territoriais impostas (Kühl, 2013).

O Entrevistado 3 destacou que quando eles chegaram no território, estava devastado pela criação de búfalos e que a pouca vegetação que tinha era baixa “*depois que nós entramos aqui o mato cresceu antes era tudo bem baixinho*”. Kühl (2013) relembra que a terra cedida para implantação da *Tekohá Añetete* era inicialmente uma fazenda de búfalos, e que nesse período de chegada dos indígenas esse território possuía uma massa de mata nativa menor e maiores áreas de pastagem e isso foi confirmado pela análise geoprocessada, veja a Figura 11.

Outro aspecto que mudou desde a chegada deles nesta área, é que no início era tudo coletivo, conforme explicou o Entrevistado 2 “*a gente trabalhava em conjunto sabe numa comunidade que trabalha pra todos*”. Ele pontuou que hoje é outro formato “*porque mudou a ideia dos indígenas também por causa que a cultura não indígena também afetou a aldeia*”, ou seja, foi o contato com a cultura ocidentalizada que levou a essa alteração na forma de trabalho agrícola deles. O relato

apresentado reflete as transformações nas práticas culturais e econômicas dos indígenas em função do contato com a cultura ocidental, e pode ser analisado a partir do conceito de *perspectivismo ameríndio* de Eduardo Viveiros de Castro. No início, como apontado pelo Entrevistado 2, a lógica coletiva era predominante: “*a gente trabalhava em conjunto sabe numa comunidade que trabalha pra todos*”. Essa forma de organização está alinhada com uma cosmologia relacional, na qual a comunidade funciona como uma unidade integrada e interdependente. No entanto, o entrevistado também destaca que “*mudou a ideia dos indígenas também por causa que a cultura não indígena também afetou a aldeia*”, revelando a influência do contato com a cultura ocidentalizada, que promove uma lógica mais individualista e mercantil.

Para Viveiros de Castro, o *perspectivismo* implica que as relações entre os seres não se baseiam em uma hierarquia rígida, entretanto em uma troca constante que redefine identidades e práticas (Viveiros de Castro, 2004). Nesse caso, o contato com a cultura ocidental não foi apenas uma imposição externa, porém um processo de troca que resultou em uma reconfiguração da forma como os indígenas organizam seu trabalho agrícola. Essa transformação pode ser vista como um exemplo de “equivocação controlada”, em que a cosmologia indígena precisa negociar com as imposições externas sem, necessariamente, abandonar sua essência. A prática coletiva cede espaço para novas formas de organização, mas continua sendo influenciada por valores originários, mesmo que reinterpretados no novo contexto (Viveiros de Castro, 2018).

Essa mudança também demonstra a tensão entre o *multinaturalismo* indígena, que enxerga o trabalho como parte de uma relação de reciprocidade entre humanos e a natureza, e o naturalismo ocidental, que tende a desvincular o trabalho agrícola de suas dimensões comunitárias e espirituais. A substituição gradual do trabalho coletivo por formas mais individualizadas reflete a incorporação de práticas ocidentais, mas não elimina por completo as bases cosmológicas que sustentam a visão de mundo indígena. Como sugere Viveiros de Castro, o contato entre essas perspectivas não implica a anulação de uma pela outra, mas sim a reconfiguração de práticas e significados em função das circunstâncias. Nesse sentido, a mudança relatada pelo Entrevistado 2 demonstra como os indígenas têm adaptado suas práticas ao mesmo tempo em que resistem à total assimilação, mantendo traços de sua cosmologia relacional e coletiva.

Referente a subsistência deles por meio da terra, fica claro que para os Guaranis, a terra não é só para o plantio agrícola, destacando que “*os alimentos que é encontrado naturalmente que as matas oferecem, animais que vivem nela, os peixes que vivem em determinado rio, são essenciais para a sobrevivência*” (Entrevistado 1). Além disso, o Entrevistado 3 pontuou que é na natureza que eles colhem os seus remédios. O rio Ipanema faz divisão da *Tekoha Añetete* com a propriedade vizinha, é

um rio largo, que apresenta variação na vazão de acordo com o fluxo de chuva, conforme pode-se constatar por meio da observação em quatro datas diferentes. Para acessar a aldeia é preciso passar por uma ponte sob este rio, que por sua vez não tem proteção lateral, causando risco principalmente para pedestres.

Quanto ao plantio agrícola, o Entrevistado 2 explicou que “*cada um escolhe o que ele vai plantar*” e que “*se a outra família não plantar essa planta que ele está colhendo ele divide, não vende*”. Isto demonstra que, embora o plantio tenha deixado de ser comunitário, os Guaranis da região não perderam totalmente a característica da coletividade. Por meio da observação, verificou-se a ausência de curvas de nível nas plantações e o uso de pedras ao redor da área de plantio para segurar a sedimentação do solo. Em muitas casas, há a criação de animais soltos, como galinhas e gansos.

Porém, o Entrevistado 2 traz à tona uma mudança preocupante na agricultura, o arrendamento de terras “*gente percebeu que aqui os não indígena eles pegaram as terras como que é... a renda, isso que prejudica também porque já começaram a usar agrotóxicos*”. O entrevistado explica que essa mudança vem ocorrendo porque alguns indígenas passaram a ter “*ideias de não indígenas*” devido a convivência e que “*bastante daqui já não pensa mais de trabalhar na aldeia já pensa de trabalhar fora em uma empresa*”.

O Entrevistado 1, também falou sobre a preocupação com a perda de traços da cultura Guarani, explicando que a escola tem um papel fundamental para manter a cultura, contudo que algumas coisas já são passadas só na teoria, porque não há mais os recursos disponíveis na natureza para manter a prática destas tradições. O entrevistado 3 destacou que as quadras de futebol da aldeia foram construídas para evitar que os jovens saiam da aldeia para jogar e assim, tenham contato com drogas e bebida alcoólica. “*Já tem jogos de futebol tem baile tomando a bebida cachaça né esse é o que jovem tá fazendo*”.

A presença de religiões não indígenas, especialmente, as igrejas evangélicas, foi destacada pelos entrevistados como uma das principais ameaças à continuidade das tradições espirituais Guarani. Essa influência externa é percebida como desestruturadora, sobretudo, por introduzir valores que conflitam com a cosmovisão tradicional. Um dos entrevistados pontuou que “*tem aldeias que já têm [religiões não indígenas] dentro da aldeia, mas aqui não permite entrar outras religiões para formar um grupo. Só vem conversando e depois tem que ir embora*” (Entrevistado 3). Além disso, a adesão a práticas religiosas externas, especialmente pelos jovens, enfraquece o compromisso com os rituais tradicionais, sendo percebida como um risco de desvalorização cultural.

Apesar dessas pressões, as comunidades Guaranis têm buscado formas de resistência cultural, utilizando espaços como a casa de reza para preservar suas práticas espirituais. Segundo um entrevistado,

"os jovens estão deixando o compromisso de atuar na religião. Eles saem para igrejas e já não valorizam tanto a cultura como antes" (Entrevistado 3). Essa percepção reforça a importância de estratégias internas de fortalecimento das tradições, como a transmissão oral e a participação coletiva em rituais. Assim, as casas de reza se tornam não apenas locais de espiritualidade, mas também de resistência identitária frente às influências externas. Ressalta-se que, o entrevistado 3 é um líder espiritual na aldeia, o que leva o mesmo a ter uma percepção mais apurada da ameaça que são as religiões não indígenas - e aparentemente todas cristãs - para a perpetuação da cultura guarani, pois como lembrado por Kühl (2013), a cultura indígena é passada adiante de forma oral o que facilita que a mesma se perca no tempo quando pressionada por outras crenças.

Quanto a essas mudanças, o Entrevistado 2 ponderou que *"não é a nossa culpa também por causa da ideia do não indígena que já afetou né a tecnologia também afetou mudou as ideias"*. Por outro lado, o Entrevistado 1 menciona como o uso da tecnologia tem sido útil, citando o exemplo do mapeamento de áreas e no desenvolvimento de práticas agrícolas inovadoras, como a clonagem de plantas. Ele explica que a informação sobre os direitos, o acesso à política e a presença de pessoas que incentivam e apoiam a comunidade indígena, são fundamentais para garantir o fortalecimento da identidade e do futuro dos Guaranis.

O Entrevistado 2, complementa falando do esforço para manter a cultura, em especial a religiosidade, *"eles já não têm mais interesse de ter aquela participação dentro da nossa cultura ritual coisas assim a gente já tem que trabalhar com eles também para incentivar"*. O Entrevistado 3 destacou a busca por conciliar as coisas novas, como futebol e a tecnologia, com os rituais Guaranis *"sempre falava pra eles mesmo que poder vir não tem problema joga futebol e vem faz os dois"*.

Sobre a espiritualidade, os Guaranis compreendem que os rios e as matas são protegidos por espíritos que são ajudantes do Deus *Nhanderu*, conforme contou o Entrevistado 3. Ele descreveu um ritual deles de purificação, que são feitos toda semana: *"sete oito horas tava ali fumando cacimbo e vai indo vai indo não pode parar assim né como você usa oração antes de dormir"*. Neste momento, o entrevistado explicou que da mesma forma que os católicos e evangélicos rezam, eles conversam com *Nhanderu* por meio do fumo, da dança e dos cânticos.

Por meio de uma das observações, foi possível conhecer uma das três casas de reza da *Tekohá Añetete*. A casa de reza é feita de madeira, tem formato retangular e o chão é de terra batida. As paredes são fechadas por tábuas e há duas portas, uma em cada parede lateral. No lado que fica voltado para o nascer do sol, fica o altar e nas outras três paredes ficam dispostos bancos. Na parede oposta ao altar, logo à frente dos bancos, há uma madeira no chão, onde o bambu é batido para criar som. O altar é feito de madeira, com estacas fincadas no chão, que dão sustentação para um tipo de bacia feito de

madeira, onde coloca-se água com flores. Há um barbante com sementes amarrado nas estacas e um arco de madeira com penas amarradas de forma a parecer um grande cocar. No altar ficam os instrumentos sagrados: chocalho, bambu e tambor. Além disso, em cima do altar também estavam pendurados violões e violinos.

Ao observar a Escola Araju Porã da Tekohá Itamarã e o Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e da Tekohá Añetete, pode-se perceber a tentativa de aproximar estes espaços da cultura Guarani. A Escola Araju Porã tem um formato circular e no centro há uma espécie de coreto, que tem cobertura hexagonal feita com encaixes, remetendo a uma forma vernacular de construção. Na área comum é possível perceber elementos que remetem a cultura guarani, como pinturas em bancos e na parede a escrita da frase “*Oity nhande rakã, oapy nhande rapyta, ndoipe' ai nhande rapo, nhanderu rezay ombo hoky jey hogue*”, que foi traduzida pelo professor Mario Ramão Villalva Filho, que acompanhou as observações, como “*Derrubaram nossos galhos, queimaram nossos troncos. Não tiraram as nossas raízes. A lágrima de Nhanderu fez brotar nossas folhas novamente*”.

No Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e, apesar das salas terem uma arquitetura padrão dos colégios estaduais do estado do Paraná, no saguão entre as duas fileiras de sala de aula, tem um pergolado feito com madeiras encaixadas, que também remete a forma vernacular de construção. Da mesma forma, neste colégio se verificou pinturas relacionadas à cultura guarani, como a escrita da palavra “*Nhandekuera*”, figura 7, em uma parede, que foi traduzida como “*gente*” pelo professor Mário.

Figura 7 – Parede do Colégio Estadual Indígena Kuaa Mbo'e



Fonte: Autores (2024).

O refeitório é identificado como “*Jekaru há*”, que, traduzido, significa “*lugar de comer*” e tem pinturas em uma das paredes de tucano, flores e de uma criança indígena. Na biblioteca, além das estantes

de livro, há espaço com quadro, mesas e cadeiras, onde está exposto um calendário de datas comemorativas das duas aldeias de Diamante do Oeste, conforme Figura 8.

Figura 8 – Calendário de festividades das aldeias de Diamante do Oeste



Fonte: Autores (2024).

As doze festividades que compõem o calendário são as seguintes: 25 a 27 de janeiro: Batismo do nome; 03 de fevereiro: Fundação da aldeia *Tekoha Itamarã*; 09 de fevereiro: Sepé Tiaraju – Herói Nacional Guarani; 18 de abril: Fundação da aldeia *Tekoha Añetete*; 19 de abril: Dia Nacional dos Povos Indígenas; Mês de abril: Semana Cultural Indígena Guarani; 03 a 05 de maio: Dia de finados; 01 de agosto: Dia da medicina Guarani; 01 a 03 de agosto: Batismo da semente; 22 de setembro: Ano novo Guarani; 01 de outubro: Dia da culinária Guarani; 01 a 03 de dezembro: Festa da colheita.

Dentre as festividades mencionadas, destaca-se as atividades da Semana Cultural Indígena, no qual se depreende pelas observações traçadas que o Colégio Estadual Indígena em comento é um espaço de manifestação desta cultura, demonstrando neste evento os valores das tradições indígenas. Tais pontos são validados na expressão do Entrevistado 1, quando explica “*que a escola tem um papel relevante para manter a cultura*”. Segundo o entrevistado 3, tem um período de preparação com os jovens para realização deste evento, visto que “*são tantas atividades né é muito bom é o cotidiano*”. A partir dessas falas, verifica-se a relevância da escola para as lideranças entrevistadas e como ocorre a dinâmica do território ao pensar nas gerações futuras e na preservação da sua cultura.

Durante a observação foi possível acompanhar uma cerimônia de purificação. O início da cerimônia é feito pelo *xamoi* (rezador) e marcado com o barulho do chocalho, que é tocado pelos homens. Este som, é seguido pelo som do bambu ao ser batido na madeira disposta no chão da casa de reza, o que é feito pelas mulheres. Os homens participantes ficam enfileirados em frente ao altar e as mulheres ficam ao fundo batendo o bambu na madeira, após alguns momentos de cântico, os homens começam a andar em círculo, que muda de direção conforme o chocalho faz um som diferente.

Após três círculos, os homens voltam a ficar enfileirados. São feitas algumas falas em guarani pelo *xamoi*, que depois volta a cantar e a fazer as voltas no círculo. Destaca-se que neste momento,

apenas algumas pessoas presentes participaram, depois nas próximas rodadas outras pessoas entraram na roda e o som foi ficando mais acelerado. Depois de cerca de uma hora fazendo estas atividades, o *xamoi* deixa a roda e passa a função de puxar o canto para avá-guaranis mais jovens, que dão continuidade a cerimônia.

Em seguida, é feita uma outra etapa da cerimônia, que consiste em uma espécie de “*pegá-pega*”, onde o jovem com o chocalho escolhe um dos participantes e então passa a tentar pegá-lo, usando o chocalho como se fosse uma espada ou lança. Durante todo o momento da cerimônia, as portas são mantidas fechadas, mas é possível entrar e sair, com a porta sendo fechada novamente logo em seguida.

O cenário observado destaca a presença dos objetos sagrados, a dança e o som extraídos conforme os movimentos realizados, com gestos e significados que registram o respeito pelo ato sagrado, realizado por um rito que é passado de geração em geração, transmitindo a relevância dos valores espirituais e a importância da liderança espiritual para a espiritualidade Guarani.

Quanto à percepção sobre as mudanças climáticas, o Entrevistado 1 observa que os sinais são evidentes, não apenas no território indígena, mas em todo o planeta. “*Eu acho que todos no planeta em geral a gente sente isso, vê isso, eu não sei qual ser humano que isso não sentiria*”. Ele explica que a variação nas estações do ano, que antes era uma constante previsível, agora tem mostrado mudanças, afetando as práticas tradicionais e a própria sobrevivência. O Entrevistado 2 complementa, relatando que “*o rio já foi intoxicado, já não é mais o mesmo, poluído até o ar*”.

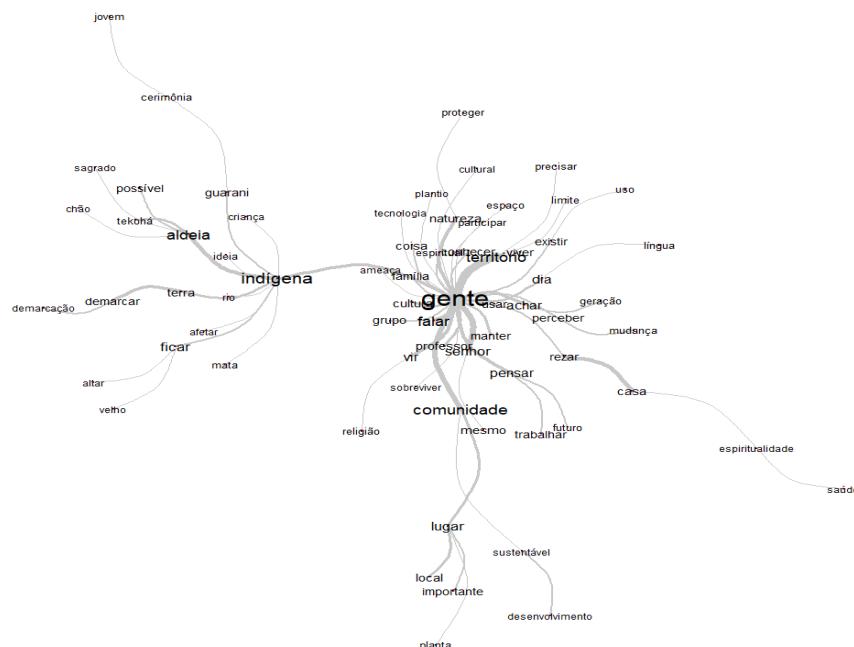
O “*Bem Viver*” se mantém como uma referência para a vida cotidiana dos Guaranis, conforme reflete o Entrevistado 1 “o viver bem é estar bem com o indivíduo, com a comunidade e com a natureza”. Assim, este conceito se refere ao equilíbrio entre o ser humano, o território e o meio ambiente e destaca uma visão integral orientada a interação com o ambiente e com os outros seres vivos.

O conceito de “*Bem Viver*”, conforme descrito pelo Entrevistado 1 como “*estar bem com o indivíduo, com a comunidade e com a natureza*”, reflete uma cosmovisão profundamente alinhada ao *perspectivismo ameríndio* de Eduardo Viveiros de Castro. No *perspectivismo*, as relações entre humanos, natureza e outros seres vivos são caracterizadas por uma interação dinâmica e relacional, em que todos compartilham uma essência comum, porém se diferenciam pelas perspectivas que ocupam. Essa visão integral do “*Bem Viver*” expressa uma ontologia relacional, na qual o equilíbrio com o meio ambiente não é apenas utilitário, contudo, parte de um modo de existência que reconhece a agência e a interdependência entre seres humanos e não humanos. Essa abordagem contrasta com a visão

naturalista ocidental, que separa natureza e cultura, enquanto o *multinaturalismo* indígena articula essas dimensões em uma teia de reciprocidades e complementaridades (Viveiros de Castro, 2004).

Com base nessa análise de conteúdo e as discussões que foram possíveis de estabelecer com os conceitos de Viveiros de Castro (2004; 2018), realizou-se análises complementares para compreender a relação dos temas com o conteúdo, essas análises são apresentadas nas Figura 9 e Figura 10.

Figura 9 – Árvore de similitude



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A árvore de similitude que mostra a associação entre palavras em um corpus textual, baseando-se na coocorrência e proximidade semântica. Segue uma análise inicial: Palavra central: "gente" - A palavra "gente" está no centro, conectada a diversos termos, sugerindo que o corpus trata de questões sociais, culturais e territoriais relacionadas a pessoas e comunidades. Ainda se percebe os principais clusters temáticos, sendo eles "Indígena" e "aldeia" que se relaciona a temas como "terra", "rio", "criança", "sagrado", "demarcar" e "tekoha" (palavra guarani para lugar sagrado ou de vida). Sugere discussões sobre territorialidade, espiritualidade e cultura indígena.

O termo "Território" está conectado a termos como "cultural", "natureza", "plantio", "participar" e "família". Destaca uma visão coletiva e sustentável do uso do território, assim como, a importância de valores culturais. Já o termo "Comunidade" está relacionado a "trabalhar", "pensar", "religião", "sobreviver" e "importante". Reflete a interação social e a dinâmica de sobrevivência e organização das comunidades. Esses termos também se relacionam a "Lugar", que por sua vez aparece

associado a "desenvolvimento", "local", "sustentável" e "planta". Indica reflexões sobre sustentabilidade e ocupação do espaço.

Ainda se destacam temas como Demarcação e Terra pelos termos como "demarcar" e "ficar" sugerem um debate em torno de conflitos fundiários e a luta por reconhecimento territorial. Mudança e limite se relacionam a palavras como "mudança", "perceber" e "limite" indicam transformações sociais e culturais ou impactos externos no modo de vida.

A questão de Valores culturais e espirituais são apresentadas por termos como "sagrado", "religião", "espiritualidade" e "altar" refletem a presença de elementos espirituais fundamentais para o contexto indígena. Enquanto a dimensão temporal e geracional. Há referências a "jovem", "velho" e "criança", destacando a continuidade cultural entre gerações.

A árvore de similitude revela que o texto-base aborda questões territoriais indígenas, incluindo espiritualidade, demarcação e sustentabilidade. A relação das comunidades com o espaço e a natureza, reforçando valores culturais e coletivos. Tensões entre desenvolvimento e preservação de modos de vida tradicionais.

Figura 10 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Já a nuvem de palavras é uma ferramenta que ilustra graficamente a frequência e importância relativa de termos em um corpus textual. Tal ferramenta apresenta como questões pertinentes a Identidade e cultura indígena, com foco nas dimensões territorial e espiritual além da sustentabilidade ambiental e social. Ainda evidencia conflitos e desafios, como demarcação de terras e preservação cultural a centralidade das interações humanas e comunitárias.

A palavra central "gente", maior palavra na nuvem, indicando que "gente" é o termo mais frequente no texto - ressalta-se que o termo foi usado pelos entrevistados no sentido de "nós" ou "o nosso

povo". Isso reforça um foco nas pessoas e suas interações sociais. A importância desta palavra também foi consolidada pela pintura presente em uma das paredes do Colégio, conforme demonstrado na Figura 7. Enquanto as palavras associadas, Cultura indígena e territorialidade, vistos nos termos como "indígena", "aldeia", "território", "guarani", "tekoha", e "demarcar" destacam um forte vínculo com comunidades indígenas, sua cultura e luta pela terra, indicando que não há distinção do objeto povo ao objeto território (Viveiros de Castro, 2018).

Já Espiritualidade e valores culturais indicado nas palavras como "rezar", "sagrado", "espiritualidade" e "religião" sugerem uma conexão espiritual significativa, essencial para a identidade cultural indígena e que reforça a questão da não separação entre o território material e etéreo.

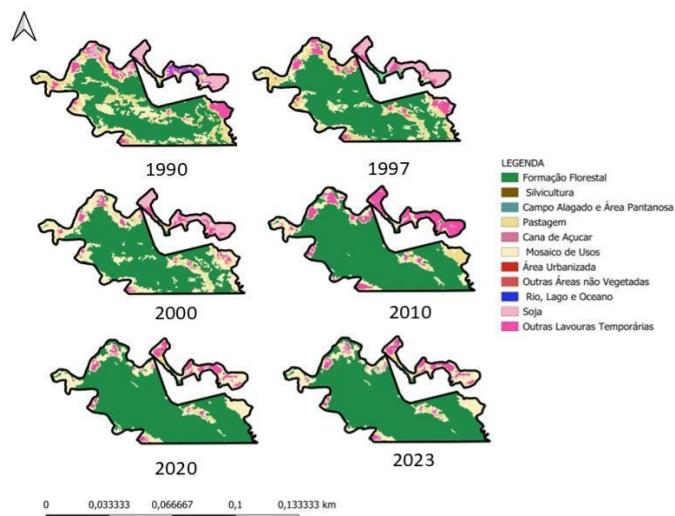
Termos como Sustentabilidade e meio ambiente aparecem nas palavras "natureza", "sustentável", "plantar" e "ficar" indicam preocupações com a sustentabilidade e a preservação de práticas tradicionais. Enquanto Conexões sociais e comunitárias são reforçadas pelas palavras como "comunidade", "falar", "ficar", "lugar", e "viver" sugerem uma ênfase em interações humanas e a importância da coesão comunitária.

Aspectos temporais e mudanças se relacionam a termos como "mudança", "geração", e "sobreviver" refletem a preocupação com transformações sociais e a continuidade cultural e estão ligados a dimensões de luta e desafio evidenciados pela presença de palavras como "demarcar", "importância", e "proteger" alude a um cenário de luta por direitos, reconhecimento e preservação. Essas análises se confirmam com a análise espaço-temporal realizada por georreferenciamento.

3.3 ANÁLISE GEORREFERENCIADA

Por fim, a aplicação de Sistema de Informações Geográficas (SIG) foi aplicado para realizar uma análise espaço-temporal do território das aldeias irmãs *Añetete* e *Itamarã*, Figura 11. A elaboração dos mapas de uso e cobertura do solo representam as mudanças que ocorreram no espaço ao longo de mais de duas décadas.

Figura 11 – Mapas de uso e cobertura do solo - análise espacial e temporal



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A área da *Tekohá Añetete*, representada pela porção maior ao sul, apresenta uma predominância de cor verde (Formação Florestal), o que se mostra relativamente constante em termos de cobertura florestal ao longo das décadas. Considerando que a aldeia foi fundada em 1997 (Kühl, 2013), também é possível afirmar que a presença indígena permitiu a recuperação da mata - nota-se como a massa verde se intensificou de 1990 para 2023. Esse padrão indica uma preservação significativa da vegetação nativa dentro dos limites da aldeia. Essa constância pode sugerir que a comunidade tem práticas de manejo que promovem a conservação do ambiente natural, mantendo as áreas florestais ao longo do tempo, o que corrobora com as informações obtidas pelas entrevistas.

“(...) nós indígenas já temos a confiança a possibilidade de construir de ter um local seguro para construir moradias de construir uma roça de ter uma mata um local mais conservado um rio mais cuidado (...) também são bastante incentivados cuidar das matas que existem mesmo que ocorra em geral aproximadamente entre três quatro anos ocorrem esses incêndios que acontecem também é frequente e é conscientizado também para não o uso desses tipos de ações que é prejudicial (...) locais onde tem mais espécies ou animais tatuídos tal lugar tal direção não tem mata tal local é um local que precisa ser protegido então já tem mapas indicando onde são esses lugares onde tem mais capivaras” Entrevistado 1 (Dados da pesquisa, 2024).

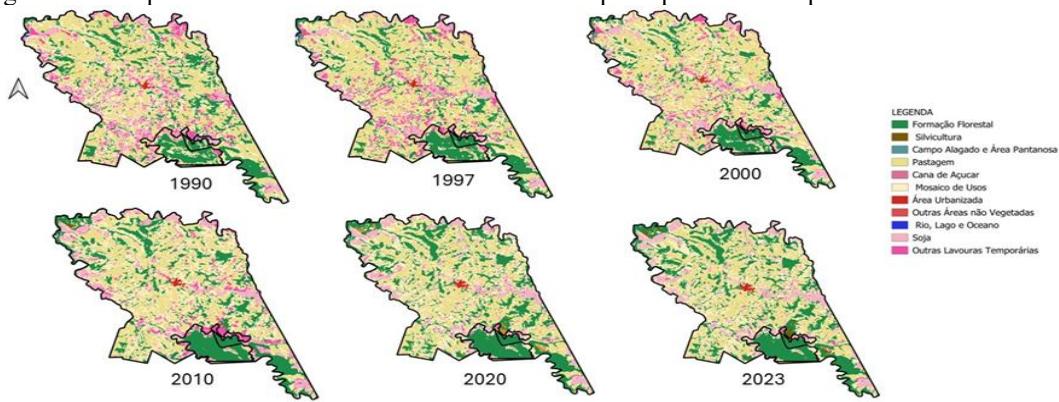
“(...) é pra nós indígenas toda parte é sagrada sabe uhum natureza acumulação né é aldeia mas tudo sagrado pra nós é importante caso esse aqui ó o mato se tava verde assim antigamente que nós sentarmos primeiro aqui tudo limpo não tem nada só pasto e depois vem mato crescendo essa parte tá depois que nós entramos aqui o mato cresceu antes nem ali não era não tudo bem baixinho assim aquele animal que tem aqui aquele o nome é o búfalo comeram tudo né não deixa crescer uhum depois que nós entrava aqui cuidando e crescendo mas essa parte é primeiro é verdade ser vale pra nós é uma sagrada sabe (...)” Entrevistado 3 (Dados da pesquisa, 2024).

Se observa na fala dos entrevistados - e se confirma na análise geoprocessada - que os habitantes das *Tekohas* adotam práticas de manejo e conservação da mata nativa e que tais procedimentos permitiram que ela se recuperasse. Entretanto, o Entrevistado 1 afirma que queimadas ainda são prática comum de

tempos em tempos dentro do território indígena e que é realizada pelos próprios como técnica de controle e preparação para plantio.

Já quando comparados o espaço-tempo de uso e cobertura do solo de todo o município de Diamante D'oeste, a Figura 12 demonstra que houve dinâmicas bastante distintas ao longo do tempo. Inicialmente, o município contava com vastas áreas de soja e outras culturas que ao longo do tempo foram dando lugar à pastagem.

Figura 12 – Mapa de uso e cobertura do solo em série temporal para o município de Diamante D'OESTE



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Nos mapas, as áreas ao redor da aldeia, delimitada ao sul, mostram um aumento nas áreas de pastagem (amarelo) e soja (rosa) ao longo das décadas. Especialmente entre 1990 e 2023, observa-se uma intensificação dessas atividades agrícolas no entorno. Esse aumento da atividade agropecuária ao redor da *Tekohá Añetete* pode representar uma pressão externa sobre a área indígena, criando uma paisagem mais fragmentada e possivelmente aumentando o risco de impactos ambientais, como perda de biodiversidade e mudanças nos recursos hídricos, o que afeta diretamente a forma como esse povo se apropria do seu território, o que já se reflete dentro das terras indígenas, como afirma um entrevistado sobre os arrendamentos que ocorrem:

“(...) percebi porque a gente já perdeu um pouco de costume principalmente de plantio não tem mais aquela semente tradicional a gente já está um pouco perdido já a gente percebeu que aqui foi tudo não indígena eles pegaram as terras como que é, arrenda, isso que prejudica também porque já começaram a usar agrotóxicos então isso já é uma mudança porque não é mais o rio mesmo já foi intoxicado já não é mais é poluído até o ar então por isso que tem agora mesmo a gente já está sentindo mais aquele aquecimento o clima (...)” Entrevistado 2 (Dados da pesquisa, 2024).

Dentro da área da aldeia, praticamente não aparecem outras classes de uso do solo, como áreas urbanizadas (vermelho) ou silvicultura (marrom) – apesar desta possuir destaque ao leste a partir de 2010, possivelmente graças a implantação de sua aldeia irmã *Tekoha Itamarã* (Kühl, 2013). Isso

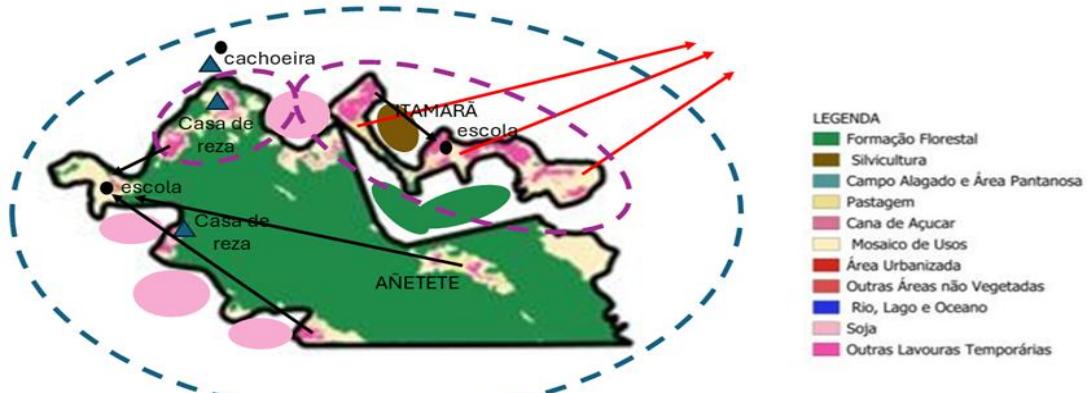
contrasta com as áreas vizinhas, onde essas classes surgem ao longo do tempo, indicando uma expansão de atividades de ocupação mais intensa fora dos limites da *Tekoha Añetete*.

Ressalta-se que em 2010, houve tensões significativas entre latifundiários e comunidades indígenas na região oeste do Paraná, que inclui o município de Diamante d'Oeste. Esses conflitos foram em parte alimentados por disputas sobre a posse e o uso da terra, com os produtores rurais e indígenas reivindicando direitos sobre áreas agrícolas e territórios tradicionais. A expansão agrícola, especialmente, com o crescimento do agronegócio na região, resultou em conflitos com grupos indígenas que buscam garantir seus direitos territoriais e preservar suas áreas culturais e de subsistência (Canal Rural, 2024; Jornal Oeste, 2024; Masuzaki, 2015).

Esses confrontos geraram insegurança jurídica tanto para os produtores, que buscavam proteção de suas propriedades, quanto para as comunidades indígenas, que resistiam à perda de terras. As autoridades e instituições de segurança tiveram dificuldades para gerenciar a situação, com algumas tentativas de reintegração de posse sendo marcadas por confrontos. O governo foi criticado pela falta de ação para resolver os impasses e assegurar os direitos de ambas as partes, o que elevou a tensão no campo durante esse período. Essa situação reflete desafios históricos de conflitos agrários no Brasil, onde a disputa entre interesses econômicos e direitos indígenas se intensifica em regiões de expansão agrícola e em áreas de ocupação tradicional (Masuzaki, 2015; Comissão Pastoral da Terra, 2024; Brasil, 2024).

Em 2023, nota-se uma expansão das áreas de silvicultura (marrom) próxima aos limites da aldeia. Essa atividade, que envolve plantios de espécies arbóreas de uso comercial, pode representar uma nova dinâmica de uso do solo na região, possivelmente vinculada a práticas de reflorestamento ou produção de madeira, mas também com potenciais efeitos na ecologia local e possivelmente trará impactos para a forma como esse povo interage com seu espaço, portanto se propôs o mapa síntese para representar como atualmente ocorre a apropriação desse espaço pelos povos que ali habitam, Figura 13.

Figura 13 – Mapa síntese de apropriação do território



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O mapa síntese foi elaborado com base nos clusters identificados. Nota-se que o Cluster 1, Espiritualidade e Território e o Cluster 4, Espiritualidade e Cotidiano, demonstram que apesar do entendimento dos entrevistados de relacionar o todo com a espiritualidade, representado pelas linhas tracejadas em azul, ainda existem pontos específicos de prática espiritual - representados pelos triângulos azuis, que são as casas de reza e a cachoeira existente na *Tekoha Añetete*. Outro cluster que se relaciona com essa forma de apropriação do espaço é Cluster 6, Cerimônias e Práticas Culturais, pois essas atividades ocorrem majoritariamente nas casas de reza e nas escolas.

Quando foi identificado o Cluster 2, Sustentabilidade e Desenvolvimento perceberam-se que toda a área verde (Formação Florestal) teve uma significativa recuperação ao longo dos anos de existência das aldeias. Contudo, ressalta-se os arrendamentos de terras para os *juruá* que se concentram em *Itamarã*. As setas em preto demonstram como as lavouras de subsistência produzem alimentos que ficam retidos na comunidade, enquanto as áreas arrendadas para plantio de soja, mostram o fluxo das setas vermelhas, indicando que existe uma produção que não fica na comunidade.

Ainda relacionado a essa questão de sustentabilidade e agricultura - ou manejo - tem-se o Cluster 3, Natureza e Agricultura. Nota-se pelas áreas em rosa mais forte que existe uma agricultura de subsistência forte, porém, a concentração das áreas em rosa mais claro na aldeia *Itamarã* demonstra como os arrendamentos afetam a forma como a população se apropria do seu território para produzir alimentos. Certamente, a produção local não é o suficiente, como afirmado pelos entrevistados, então o arrendamento acaba por injetar poder monetário que pode ser revertido para suprir as necessidades da comunidade.

Entretanto, o Cluster 5 Território e Demarcação, demonstra uma dinâmica distinta. A sudoeste, nota-se que nas divisas de *Añetete* existe uma pressão da cultura de soja em contraste com a massa verde de mata nativa. Essa massa verde até mesmo permeia o espaço entre as aldeias irmãs, demonstrando como a presença da população indígena e sua visão sobre natureza e território contribui

para a recuperação ambiental. Ao Norte de *Itamarã* existe uma massa de silvicultura, além da presença da monocultura de soja - que como já citado invade, legalmente, a *Tekohá Itamarã* por meio dos arrendamentos, como explicado pelos entrevistados, sendo assim foi possível descrever como os habitantes dessas comunidades se apropriam de seu território.

Quanto às questões de habitação, embora não apareça entre os clusters, é interessante retartar que os guaranis se “espalham” pelo seu território. Isso é muito diferente das etnias amazônicas onde a composição física da aldeia geralmente é centralizada, com a oca principal no centro e outras menores ao seu redor (Kühl, 2013). É necessário abordar essa questão uma vez que Viveiros de Castro (2004) em sua explicação do perspectivismo ameríndio, o faz, apenas com a visão dos indígenas amazônicos, o que talvez possa ser diferente dos guaranis da região onde este estudo foi realizado, o que possa levar o próprio autor a cometer o que ele chama de equivocação controlada (Viveiros de castros, 2018).

4 CONCLUSÃO

Este estudo, de caráter descritivo, possui como objetivo mapear e compreender como os guaranis do Oeste do Paraná se apropriam do território, *Tekoha Añetete* e *Tekoha Itamarã* em Diamante D’ Oeste, considerando as interações socioespaciais e o perspectivismo ameríndio. Considera-se que ele foi atingido uma vez que por meio das técnicas de pesquisa interdisciplinares aplicadas, foi possível descrever de que modo ocorre a apropriação do espaço pela comunidade e gerar um mapa síntese que demonstra tais dinâmicas.

A análise dos resultados evidenciou que os Guarani das aldeias *Tekohá Añetete* e *Itamarã* possuem uma relação intrínseca com seu território, onde práticas espirituais, culturais e de subsistência são interdependentes. O estudo mostrou que a recuperação ambiental, como o crescimento de mata nativa em áreas antes degradadas, reflete o manejo sustentável da comunidade, que valoriza tanto a preservação ambiental quanto a coletividade. A espiritualidade emerge como elemento central, permeando todas as dimensões da vida comunitária e sendo expressa especialmente nas casas de reza, locais simbólicos de conexão com a terra e o sagrado. Além disso, a análise revelou que as práticas agrícolas tradicionais, apesar de ainda presentes, estão em transformação devido à influência externa e ao arrendamento de terras, o que tem causado tensões entre a preservação de valores tradicionais e as dinâmicas contemporâneas.

Os mapas geoespaciais reforçaram o impacto positivo da presença indígena sobre a conservação ambiental, mas também destacaram a crescente pressão das atividades agrícolas externas, como a monocultura de soja, que ameaça a sustentabilidade das aldeias. A prática de arrendamento, intensificada em *Itamarã*, foi identificada como um fator de mudança cultural, contribuindo para o uso de agrotóxicos e

a introdução de práticas externas que fragmentam os modos de vida tradicionais. Apesar disso, a pesquisa confirma que a ocupação e a luta pelos territórios não apenas garantem a sobrevivência física das comunidades, mas também a perpetuação de seus valores culturais e espirituais, evidenciando a importância de políticas de demarcação e proteção que respeitem o perspectivismo indígena.

Certamente a pesquisa enfrentou limitações. A primeira foi o número de entrevistados, que poderia ser maior, porém devido a segunda limitação - o tempo e disponibilidade das lideranças - não foi possível coletar mais entrevistas. Outra limitação foi o viés que os pesquisadores possuem por não serem indígenas, o que se confirmou pela análise realizada no *iramateq*, cujos os resultados dos dados coletados por observação ficaram totalmente isolados daqueles coletados pelas entrevistas, reafirmando a equivocação controlada proposta pela teoria de Viveiros de Castro (2018). Uma última limitação identificada foi a questão geográfica, pois entendem-se que ao se analisar aldeias de um espaço geográfico maior os resultados poderiam ter sido outros, uma vez que os povos indígenas são multi étnicos.

Para superar tais limitações, propõem-se algumas indicações de estudos futuros. Primeiro seria interessante um estudo com mais entrevistas coletadas para que se realizasse uma análise em maior profundidade da percepção dos indígenas quanto a forma como eles se apropriam do seu território. Segundo, estudos com diferentes grupos étnicos e em escala geográfica maior - principalmente a nível nacional devido às diferenças étnicas - traria uma riqueza de detalhes maior, permitindo uma compreensão mais robusta.

Por fim, o estudo contribui para compreensão da forma como os indígenas da região se apropriam de seu território, contido sua maior contribuição está na confirmação de que os pesquisadores não indígenas sempre possuem um viés quando buscam coletar dados primários. Isso significa que este estudo pode contribuir como base teórica em outras pesquisas sobre o tema ou sobre os povos indígenas. Além de sua contribuição prática ao alertar sobre as pressões territoriais externas ao espaço das aldeias que acabaram gerando o processo de arrendamento das terras indígenas pelos *juruá*, uma prática que contribui para o processo de “erosão cultural” dos guaranis.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. F. T. Do desenvolvimento comunitário à mobilização política: o Projeto KaiowáNandeva como experiência antropológica. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.
- ANDRADE, S. A retomada dos territórios ancestrais: os Guarani e a Cidade Real do Guairá. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 24, p. 91-107, 2014.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Direitos Humanos reforça equipe no oeste do Paraná, foco de conflitos fundiários que atingem indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/direitos-humanos-reforca-equipe-no-oeste-do-parana-foco-de-conflitos-fundiarios-que-atingem-indigenas>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- BIJOS, L.; MELO, C. N. Demarcação de Terras Indígenas e Sistema Interamericano de Direitos Humanos: a responsabilidade do estado por ato judicial. Revista Brasileira de Direito Internacional, [S.1.], v. 2, n. 2, p. 23, 21 fev. 2017.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 7 out. 2024.
- BRIGHENTI, C.; OLIVEIRA, O. Conflitos territoriais como espaço de disputas entre memória e história: análise de processos judiciais da Itaipu Binacional contra os Guarani no Oeste do Paraná. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n. 26, p. 61-83, jan./abr. 2021.
- CABRAL, R.; GEHRE, T. Guia Agenda 2030: integrando ODS, educação e sociedade [livro eletrônico]. São Paulo: Unesp, 2020. Disponível em: https://www.guiaagenda2030.org/_files/ugd/9d6116_6a17e1773a19464684cab3197d92d349.pdf. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CANAL RURAL. Conflitos agrários no oeste do PR: insegurança jurídica e invasões de terras preocupam produtores. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- CAMPBELL, J. Y. No sustainable development without indigenous peoples. SDG Knowledge Hub, 2024. Disponível em: <https://sdg.iisd.org/commentary/guest-articles/no-sustainable-development-without-indigenous-peoples/>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CELARD, A. Uma análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: abordagens epistemológicas e metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Conflitos no campo: relatório anual de 2024. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br>. Acesso em: 6 nov. 2024.

CONRADI, C. C. N. As ações do Estado Nacional e a trajetória política dos Guarani Nandeva no Oeste do Paraná. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais eletrônicos. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

CURCIO, G. R. et al. Levantamento semidetalhado e gerado agrícola dos solos dos aldeamentos indígenas Tekoha Añetete e Tekoha Itamarã, Diamante d'Oeste, Paraná. Colombo: Embrapa Florestas, 2021. (Documentos/Embrapa Florestas, 348). Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/item/221>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DIAS, R. A. O projeto de gestão ambiental e territorial indígena (Projeto GATI): a experiência na Terra Indígena Oco'y. *GEOgraphia*, v. 22, n. 49, 2020.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, V. M. B. Política nacional de gestão territorial e ambiental de terras indígenas (PNGATI): a busca pela autonomia ambiental e territorial das terras indígenas no Brasil. *Revista Direito Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 1, p. 157-177, 2014.

JORNAL OESTE. Disputa por terras entre indígenas e agricultores intensifica-se no oeste do Paraná. Disponível em: <https://www.jornaloeste.com.br>. Acesso em: 6 nov. 2024.

KOKKE, M.; MIRANDA, R. H. G. F. C.; OLIVEIRA, R. C. C. O marco temporal e a demarcação de terras indígenas no Brasil. *Dom Helder Revista de Direito*, [S.I.], v. 5, n. 10, p. 1-22, jun. 2020. Disponível em: <https://revista.domhelder.edu.br/index.php/dhrevistadodireito/article/view/2373>. Acesso em: 26 dez. 2024.

KÜHL, G. E. S. Etno-história Guarani e a construção do espaço a partir da arquitetura: um estudo de caso na Aldeia Tekoha Añetete. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALHOTRA, N. K. *Marketing research: an applied orientation*. 6. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2014.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. A análise de semelhança aplicada ao corpus textual: as primárias socialistas para a eleição presidencial francesa (setembro-outubro de 2011). In: *JORNÉES INTERNATIONALES D'ANALYSE STATISTIQUE DES DONNÉES TEXTUELLES*, 11., 2012, Liège. Atos. Liège: JADT, 2012. p. 687-699.

MASUZAKI, T. I. A. PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho, [S.I.], v. 16, 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3525>. Acesso em: 6 nov. 2024.

MIRIM. Quem são os não indígenas? Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/quem-sao-os-nao-indigenas>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. C169 – Sobre Povos Indígenas e Tribais. Genebra, 3 fev. 2014. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/c169-sobre-povos-indigenas-e-tribais>. Acesso em: 18 nov. 2024.

OLIVEIRA, A. Conhecimentos e políticas indígenas sobre as mudanças do clima. Revista de Divulgação Científica Coletiva, dossiê 27, jan./abr. 2020.

OLIVEIRA, C. R.; DIAS, R. A.; ROESLER, M. R. V. B.; BORGES, P. H. P. As condições sociais dos Avá-Guarani de Guaíra: o caso do Tekohá Marangatu e Tekohá Porã. *Tellus*, ano 16, n. 31, p. 29-53, jul./dez. 2016.

OLIVEIRA, O. A desterritorialização do Tekoha Guarani no município de Foz do Iguaçu (PR), nas décadas de 1970-1980. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

PINNA, R. Construindo aldeias e recuperando as florestas: conservação ambiental e a sustentabilidade Avá Guarani. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 11, jan./abr. 2020.

PHILLIP JÚNIOR, A.; SILVA NETO, A. J. Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação. São Paulo: Blucher, 2014.

REINERT, M. Alceste uma metodologia de análise de dados textuais e uma aplicação: Aurélia de Gerard de Nerval. *Boletim de Metodologia Sociológica*, v. 1, p. 24-54, 1990.

RIBEIRO DOS SANTOS, T. A. Antes que era bom, quando a água era boa e não precisava cultivar: uma etnografia sobre os Avá-Guarani da reserva indígena Tekoha Anhetete e o programa Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SCHALLENBERGER, E.; DOS SANTOS, J. G. Em nome da terra: um estudo sobre os sentidos da terra para os Guarani Nhandéva. *Tempo da Ciência*, v. 21, n. 41, p. 45-68, 2000.

SOAVINSKI, C. A “entrada” é oguata porã: os sentidos da Terra Sem Mal na luta pela terra dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 8, n. 17, p. 397-414, 2021.

SOUZA, A. B. C. “É possível transformar a soja em mata de novo”: o processo de recuperação territorial do povo Avá-Guarani na região Oeste do estado do Paraná (Brasil). *Revista Wamon*, v. 7, n. 1, p. 107-134, 2022.

VITORIANO-GONÇALVES, L. (Co)existência entre nação e etnias: um projeto político pedagógico (re)pensado para a comunidade indígena. *Interfaces*, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar, n. 18, set. 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 5, n. 10, p. 247-264, ago./dez. 2018.

WEIMER, G. Evolução da Arquitetura Indígena. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Günter Weimer - Evolução da Arquitetura Indígena, 2014.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

YIN, R. K. Case study research and applications: design and methods. 6. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2018.